

Revitalização de uma Tecelagem do Século XIX: Desenhos e Padrões

M. M. Neves*, Â. Ferreira*, S.F.C.F. Teixeira****

* Departamento de Engenharia Têxtil

Universidade do Minho

Campus de Azurém – Guimarães

Telf: +351 253 510296; fax: +351 253 510284; e-mail: mneves@det.uminho.pt,

angela.saf@gmail.com

** Departamento de Produção e Sistemas

Universidade do Minho

Campus de Azurém – Guimarães

Telf: +351 253 510344; fax: +351 253 510343; e-mail: st@dps.uminho.pt

*** Instituto Monsenhor Airosa

Rua Monsenhor Airosa – Braga

Telf: +351 253 204150; fax: +351 253 204151; e-mail: st@dps.uminho.pt

Resumo — Está em curso um projecto de colaboração entre a Universidade do Minho, o Instituto Monsenhor Airosa (IMA), tendo o Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave como consultor, no sentido de avaliar, recuperar e valorizar o Artesanato do IMA (AMA). Neste trabalho, efectuou-se um levantamento e estudo dos produtos da tecelagem. Foram estudados os mais diversos pontos: matérias-primas, métodos e equipamentos de produção, desenhos utilizados, produtos acabados e sua colocação no mercado, bem como a envolvente histórica do Instituto Monsenhor Airosa.

1. Conceito de Artesanato

À semelhança do que acontece com muitos outros conceitos, não existe uma definição de Artesanato universal e “pacificamente” aceite. Muitas podem ser as definições dadas tendo em linha de conta aspectos e decisões como:

- Enquadramento histórico;
- Tipo de produção, única ou em série;
- Ser característico de uma região;
- Produção familiar;
- Número de trabalhadores;
- Dimensão das explorações;
- Matérias-primas utilizadas;
- Reconhecimento;

Como poderá então ser definido o Artesanato? É um conceito que durante muito tempo se manteve pouco preciso e a sua definição bastante ambígua devido à marginalização que este sector conheceu sendo o seu reconhecimento um processo muito recente, apesar de ser uma actividade bastante antiga.

O artesanato era entendido como uma arte antiga detida apenas por alguns artesãos ou artífices com um ofício

manual. Estes, após uma aprendizagem, transformavam com as mãos matéria-prima em utensílios ou objectos de um modo geral bastante úteis à vida quotidiana.

No entanto, o artesanato não pode ser encarado apenas nesta perspectiva, pelo que passaremos a listar alguns conceitos.

O dicionário de Língua Portuguesa define artesanato como: «s. m., manufactura de objectos com matéria prima existente na região, ou próximo, produzidos por um ou mais artífices com o auxílio dos seus familiares, numa pequena oficina ou na própria habitação, com o fim de os trocar ou de os vender; m. q., pequena indústria especializada; conjunto de artes industriais» [1].

Em 2001, o diploma que publica o Estatuto de Artesão e da Unidade Produtiva Artesanal (Decreto-Lei nº 41/2001, de 9 de Fevereiro) delimitou com rigor, as fronteiras do artesanato, ao definir, de forma clara, conceitos como actividade artesanal, artesão e unidade produtiva artesanal.

Assim, e segundo o Artigo 4º do referido Decreto-Lei: “Designa-se por actividade artesanal a actividade económica, de reconhecido valor cultural e social, que assenta na produção, restauro ou reparação de bens de valor artístico ou utilitário, de raiz tradicional ou contemporânea, e na prestação de serviços de igual natureza, bem como na produção e confecção tradicional de bens alimentares.”

Os requisitos descritos no Artigo 5º do mesmo Decreto-Lei são os seguintes: “A actividade artesanal deve caracterizar-se pela fidelidade aos processos tradicionais, em que a intervenção pessoal constitui um factor predominante e o produto final é de fabrico individualizado e genuíno, sem prejuízo da abertura à inovação ...” sendo que a “predominância da intervenção pessoal é avaliada em relação às fases do

processo produtivo em que se influencie ou determine a qualidade e natureza do produto ou serviço final ...” (nº2 do mesmo artigo).

Numa primeira abordagem ao conceito de artesanato, Mário de Castro [2] refere-se a este da seguinte forma: “Optamos, assim, por associar o conceito de artesanato ao conjunto de actividades que se identificam na estreita ligação entre o processo de produção e intervenção directa do homem em todas as fases – desde a transformação, e a utilização dos meios – em que a obra/objecto vai tomando forma até ao produto final. Este produto é resultado de uma comunhão entre a imaginação, o talento, a inspiração e a experiência pessoal e uma estreita ligação com as comunidades em que o artesão está inserido”.

Segundo o mesmo autor e de modo a uma aproximação de um conceito o mais reduzido e sucinto possível, apresenta alguns princípios que se entende como caracterizadores da actividade:

- Intervenção do artesão em todas as fases de produção das peças, produzidas a maior parte das vezes em pequena série, ou mesmo peças únicas, a partir de alguma ideia pessoal ou de um modelo já existente;

- Alia o conhecimento técnico dos materiais utilizados e a criação pessoal para a realização de objectivos utilitários ou artísticos, com sentido estético ou recriado, normalmente inserido no meio envolvente que o cerca;

- Predominância do fabrico de peças à unidade ou de trabalhos por encomenda;

- Identificação entre a propriedade e a gerência da unidade de produção, prevalecendo nalguns casos, uma ligação estreita entre a família e a própria empresa;

- Escassez de capital (frequentemente o financiamento é feito por capital próprio, dada a dificuldade em obter capitais alheios e de risco);

- Produtos com características próprias face à produção anónima e uniformizada da indústria;

- Proporção relativamente elevada de trabalhadores com formação artesanal própria, adquirida junto do mestre-artesão ou herdada através da família;

- Produção intensiva de trabalhos em épocas baixas (difícil escoamento dos produtos), para otimizar as vendas durante épocas festivas tradicionais (Natal, Páscoa), feiras e mercados durante o Verão, coincidindo com o elevado número de turistas e emigrantes que visitam o País [2].

Vários são os princípios que podem ser utilizados e pensados numa apresentação de conceito de artesanato.

Assim, e partindo destes princípios, Mário de Castro [2] define artesanato como: “... um conjunto de actividades exercidas individualmente ou sob a forma de pequena empresa, ou ainda em unidades de tipo familiar, com intervenção dos artífices em praticamente todas as fases de produção, reproduzindo e/ou criando modelos de objectos utilitários e artísticos, a partir de técnicas tradicionais, imprimindo a cada peça um cunho pessoal com sentido estético.

Artesão será aquele indivíduo que intervém em todas as operações necessárias ao fabrico de peças únicas ou de pequena série a partir de modelos já existentes. Combina o conhecimento técnico dos materiais utilizados e a criação pessoal para a realização de objectos decorativos

ou utilitários, aliados à habilidade manual, embora possa utilizar instrumentos de trabalho acessórios.”

Como podemos verificar, não existe uma definição por si só completa, sucinta e totalmente abrangente de artesanato. Ele evoluiu ao longo dos tempos, com os seus altos e baixos, tempos bons e de reconhecimento e tempos menos bons e de esquecimento. Por outro lado, devido à sua estreita relação com o tipo de produto, ele terá de ser moldado e adaptado à natureza de cada um. Um último aspecto comum às definições apresentadas diz respeito à dinâmica do produto. Assim, o mesmo será dizer que o artesanato está directamente ligado ao produto e à sua dinâmica de produção.

Em conclusão, e como última ideia a reter podemos dizer que o artesanato é a arte do saber fazer tradicional que vai desde a matéria-prima utilizada, ao saber fazer individual passado de pais para filhos, à relação cérebro/mão, às técnicas e utensílios utilizados em todo o processo, ao tipo de produção utilizada, às quantidades produzidas e à forma de venda do produto final. É, portanto, o conjunto de todas estas acções feitas com o objectivo de valorizar e preservar o saber fazer tradicional próprio de uma cultura ou região.

Depois de termos definido o conceito de artesanato, torna-se importante analisar os elementos pelos quais ele é constituído e que são fundamentalmente as suas funções. No entanto, como critério distintivo do artesanato torna-se um pouco ambíguo, dado que tanto as peças artesanais como as industriais podem acumular essas mesmas funções.

É importante referir que não existe regulamentação que contemple a especificidade e as características fundamentais das produções artesanais tradicionais.

Os objectos tradicionais traduzem a presença da cultura e do seu criador, são o resultado da relação entre o cérebro e a mão. É pois a síntese entre a beleza e a funcionalidade que caracteriza todo o artesanato.

Segundo a Célula de Animação da Rede Portuguesa Leader II [3], as funções do artesanato no meio rural são ainda mais valorizadas devido à sua adaptação aos escassos recursos e ao baixo índice demográfico. Considera ainda que o artesanato responde a várias funções e que é através destas que se torna um contributo importante de desenvolvimento rural, assegurando a própria viabilidade em conjunto com outros sectores.

Mário de Castro [2] considera apenas dois tipos de funções no artesanato: distingue entre artesanato utilitário e o artesanato artístico ou decorativo, funções estas que se colocam para lá da ideia que levou o próprio artesão a concebê-la e do uso que cada indivíduo dá à peça de artesanato.

Citando o mesmo autor, diríamos que de um modo geral, artesanato utilitário inclui todo o conjunto de objectos que possuem uma utilização prática na vida quotidiana, desde os mais simples, até àqueles que não perdendo a sua função de uso, podem ainda ser utilizados como peças decorativas.

A função utilitária, apesar de muito antiga assume nos dias de hoje uma posição algo ambígua. Não restam dúvidas, o artesanato surge para satisfazer algumas necessidades sentidas pelo homem. No entanto, aquilo que antigamente e não precisamos de recuar muito, basta

pensarmos na época dos nossos avós, e no artesanato que eles ainda utilizavam como utilitário e que hoje para nós apenas é utilizado como decorativo. Este mesmo exercício pode ser aplicado aos dias de hoje entre, por exemplo, as sociedades rurais e urbanas, o que para uma é utilitário para a outra poderá apenas ter a função de decorar. É o caso, por exemplo, do cântaro da água, que nunca perdeu a função base para a qual foi concebido.

Esta é uma tendência que se verifica nos dias de hoje em diversos produtos de artesanato - adaptação de funções, a passagem de função utilitária para função decorativa.

Mesmo em locais de luxo e com requinte podemos utilizar para decoração do espaço peças de artesanato. Este artesanato antigo mas com história e qualidade poderá combinar na perfeição com certos ambientes.

Em hotéis, em espaços públicos com alguma dimensão e especialmente em Pousadas de Portugal a combinação da arquitectura e dos materiais utilizados na construção juntamente com a área envolvente poderá funcionar na perfeição com certos tipos de artesanato produzidos na região ou no país em geral. Por exemplo, na Pousada de Portugal de Arraiolos ou outras Alentejanas como a do Crato, com as suas paredes de pedra, a envolvente paisagística onde estão inseridas e toda a sua imponência combinam na perfeição com uns Tapetes de Arraiolos a decorar os quartos e salas e com uns grandes potes de barro a decorar os espaços exteriores.

Como verificamos, o artesanato pode estar perfeitamente ligado a ambientes nobres e actuais o que o transporta para a actualidade conferindo-lhe alguma sustentabilidade e futuro promissor.

Ainda segundo Mário de Castro, as funções do artesanato artístico ou decorativo, são abordadas da seguinte forma: «Naquilo que vulgarmente se designa como artesanato artístico e/ou de arte ou decorativo, incluem-se os produtos destinados exclusivamente a este fim, onde a criatividade e a inovação são patentes, abrangendo também os de uso pessoal e uso corrente, como ornamentos (jóias, tecidos, etc.)».

O artesanato de arte, por norma associado ao moderno ou urbano, caracteriza-se por uma grande qualificação do artesão/artista, muitas vezes inspirado na herança do passado; daí a possibilidade de redescobrir e repor a dignidade de algumas actividades em declínio.

O autor [2] refere-se ainda ao facto de recentemente se ter começado a utilizar um novo conceito, artesanato de recuperação, relativo à concepção de objectos a partir da recuperação ou reutilização de materiais não aproveitados ou de desperdícios.

As funções do artesanato também podem ser influenciadas pela forma como este é apresentado ao cliente. Isto é, o próprio artesão pode suggestionar o cliente sobre as funções possíveis que a peça de artesanato possa efectivamente ter face à forma como o produto esteja exposto, seja apresentado ao cliente e até mesmo ao modo como é embalado e entregue.

2. IMA e a Sua Produção Artesanal

A. Introdução

Actualmente no IMA, ainda existe uma oficina de Tecelagem com mais de uma centena de anos e que trabalha. É uma oficina que funciona como ocupação e, porque não, também como terapia, para as recolhidas pela Instituição. Ao mesmo tempo, a sua produção traduz-se numa importante fonte de receita para a Instituição. Produz-se uma grande variedade de artigo como, por exemplo, toalhas e colchas de diferentes tamanhos, padrões e matérias-primas, peças de grande beleza e qualidade. Em tempos, já lhe foram reconhecidos grande mérito e fama. Actualmente são pouco numerosos os seus clientes bem como aqueles que têm conhecimento da sua existência.

A produção de tecelagem efectuada no IMA poderá para alguns levantar algumas questões sobre se é de facto uma produção artesanal ou não. No entanto, após conhecer um pouco da sua história, dos seus métodos e características de produção, estas dúvidas dissipam-se e esvanecessem-se.

De acordo com o Decreto-Lei nº41/2001, de 9 de Fevereiro, podemos considerar que a actividade produtiva do IMA preenche os requisitos de actividade artesanal no sentido em que é uma actividade económica, com reconhecido valor cultural e social, assente na produção de bens de valor artístico e utilitário de raiz tradicional ou contemporânea. Assim, e perante este Decreto-Lei, a produção do IMA é de facto uma produção artesanal.

Podemos então afirmar que o IMA tem uma Actividade Artesanal e que os seus Artesões produzem Artesanato.

É certo que esta situação poderá ser sempre colocada em questão, mas serão certamente pontos de vista de menor importância, numa questão tão ampla e abrangente como esta: o conceito de Artesanato não é um conceito de fácil definição.

Perante esta convicção, é urgente repensar e estudar com alguma atenção toda a produção do IMA. Avaliar todas as qualidades presentes e potencialidades futuras para se definir uma estratégia de sucesso.

Actualmente, os produtos do IMA são praticamente desconhecidos e muito pouco reconhecidos. Muito trabalho haverá a fazer para que sejam considerados como artesanato, sejam rentáveis, conhecidos pelo maior número de pessoas possível e que tenham um nome e imagem intrínsecos à sua qualidade.

Por vezes, muito do artigo que vemos à venda sob o título de artesanato não é na sua verdadeira acepção artesanato de verdade. Existirá mesmo algum artigo ao qual se poderá chamar tudo menos artesanato.

Quando um artigo é colocado à venda com a designação de artesanato, a percepção por parte da clientela é de aceitar esse artigo como sendo de facto artesanato. Pelo menos e numa primeira fase não é colocada em causa a questão da autenticidade do artigo. No entanto, é necessário ver o modo de produção para garantir que de facto se trata de artesanato.

Partindo do principio de que o artesanato é algo produzido de uma forma mais ou menos personalizada

que agrega o valor da acção da mão com o pensamento do homem que a produz e sendo este responsável pela sua produção em todas as fases, muito do chamado artesanato que vemos à venda mais não será do que uma produção em série, industrializada e muitas vezes de fraca qualidade.

Por vezes, o que lhe confere esta qualidade é toda a envolvente histórica e tradicional que está por detrás de certos produtos e que acaba por os confundir como artesanato, quando de facto não passam de uma produção industrial. Podemos citar, por exemplo, alguns “Galos de Barcelos” que em alguns locais como feiras ou locais de festas e romarias minhotas serão vendidos como falso artesanato.

Este tipo de artesanato, com simbologia histórica, passa de uma produção artesanal repleta de habilidade individual e de cariz pessoal para uma produção industrial mecanizada e autónoma.

A separação do falso artesanato e do verdadeiro é uma tarefa de difícil percepção.

Para Jean-Yves Durand [4], as fronteiras e limites daquilo que é ou não artesanato são muito ténues e de demarcação bastante difícil. Segundo o mesmo autor “Qualquer observador da imensa variedade das actividades artesanais sabe que as suas fronteiras são bastante porosas e, portanto, muito difíceis de delinear.” Um outro exemplo de falso artesanato poderá ser a réplica. Pensemos no caso dos “Tapetes de Arraiolos” produzidos na China. Certos exemplares até poderão manter algumas características dos genuínos “Tapetes de Arraiolos”, por exemplo serem produzidos à mão, mas a técnica e a qualidade final nada têm a ver com os verdadeiros “Tapetes de Arraiolos”.

A situação do artesanato do IMA é bem diferente destes, é um artesanato único, erudito e do qual não se conhecem réplicas. Os seus clientes e consumidores, embora poucos, reconhecem-no como artesanato de qualidade. São pessoas que conhecem o produto há muito tempo e que continuam a bater à porta do IMA para o comprar, tanto para uso pessoal como para oferta.

B. Produtos e Padrões Existentes no IMA

De acordo com os documentos existentes e as entrevistas efectuadas aos colaboradores e responsáveis do IMA, é provável que a origem dos seus produtos (Artesanato Monsenhor Airosa) esteja datada poucos anos após da fundação do IMA (1869). Embora não exista nada escrito a confirmar a data precisa do início da tecelagem, acredita-se que terá sido na década de 1870, isto porque em 1883 o IMA já participava em exposições.

Desde sempre Monsenhor Airosa tinha como fio condutor da actividade do IMA a fidelidade ao lema “Pela instrução e pelo trabalho”. Como prova disto temos a sua vontade desde cedo em criar condições e meios para que as raparigas se mantivessem ocupadas e ao mesmo tempo se instruissem. O seu objectivo era instruir as alunas e gerar lucros para a Instituição. Criou várias oficinas (bordados, costura, lavandaria,), actualmente de carácter residual. Deu também destaque às artes de animação cultural (música e teatro).

A tecelagem e o fabrico de hóstias são as actividades que actualmente ainda têm relevância para a Instituição

e que se encontram em fase de profunda remodelação, com vista à sua transformação em unidades produtivas rentáveis.

Relativamente à tecelagem, tema em estudo, pretende a direcção da Instituição possibilitar:

- A criação de alguns postos de trabalho para ex-alunas;
- O exercício de alguma actividade de Terapia Ocupacional, designadamente para utentes do Lar Residencial;
- A geração de algum lucro que possa concorrer para o financiamento da actividade social;
- A manutenção de uma actividade emblemática da Instituição e que faz parte da história não só do IMA mas também da cidade e da região.

Os produtos do IMA são produtos originais, criados e desenvolvidos por Monsenhor Airosa logo após a fundação da Instituição.

Da sua viagem a Lyon, França, Monsenhor Airosa trouxe consigo, não só os teares Jacquard, mas também a arte de saber tecer.

No início, os produtos eram conhecidos como os Produtos do Colégio da Regeneração ou simplesmente Produtos da Regeneração; actualmente são os Produtos do IMA. Estes produtos nunca foram associados de uma forma directa ao nome Monsenhor Airosa.

Os produtos mais antigos que ainda hoje são guardados e preservados no Instituto são: um pequeno tapete com cerca de 60 anos e, um pouco mais antiga, uma toalha de “Água às Mãos”, ambos em relativo bom estado e já não fabricados. (fig. 1)



Fig .1. Toalha “Água às Mãos”

A oficina de tecelagem está organizada de uma forma simples mas prática, ampla, arejada e com bastante exposição solar (fig. 2). É composta por nove teares operacionais, dez operárias em média, sendo quatro delas remuneradas e as restantes trabalhando em terapia ocupacional, na sua maioria utentes do Lar Residencial. Actualmente é diminuta a escolha desta oficina por parte das utentes jovens. São jovens pouco motivadas para esta ocupação, que não se sentem estimuladas ou atraídas pela tecelagem.



Fig .2. Oficina de Tecelagem

É nesta pequena oficina de tecelagem, no coração de Braga, que se tecem produtos de beleza única e da máxima qualidade. Estes são reconhecidos desde as grandes casas senhoriais portuguesas, passando pelas colónias portuguesas espalhadas pelo mundo, até aos Castelos da região do Loire, em França, para onde, no tempo de Monsenhor Airosa, foram vendidas variadas peças, designadamente os cortinados (fig. 3).



Fig .3. Cortinados: tecido IMA. Fonte: Châteaux de Coubertain, 2005

Hoje em dia, dos produtos produzidos no IMA destacam-se os seguintes, pela procura que têm:

- » Cobertas (de 2,40*1,90);
- » Toalhas de Mesa (de 1,65 e de 1,50);
- » Toalhas de Mantês (de 0,80 e de 0,70);
- » Toalhas de Rosto (de 0,60 e de 0,50);
- » Guardanapos (de 0,50*0,50);
- » Pano Liso (de 1,80, de 0,70 e de 0,80);

De salientar que estes produtos (fig. 4) podem ter diversas medidas, as mais usuais são as acima apresentadas.



Fig .4. Produtos representativos do IMA. Fonte: IMA 2007

As matérias-primas utilizadas nos diversos produtos são: Linho Industrial; Linho Caseiro; Lã; Algodão e Seda.

Podendo, no mesmo produto, ser utilizada apenas uma qualidade de matéria-prima ou a junção de duas fibras diferentes, por exemplo, linho e algodão.

Um dos produtos mais procurados é a colcha pavão (Fig. 5) cuja denominação se deve ao principal motivo utilizado no seu padrão. Esta colcha tem uma teia em algodão e a trama em lã. A combinação de cores utilizada na trama, aliada ao padrão escolhido, torna este produto muito atractivo.

São inúmeros os padrões utilizados nestes produtos. São motivos normalmente relacionados com a natureza, flores, folhas, animais (Fig.6), mas também podemos encontrar motivos mais abstractos como desenhos geométricos. Todos os padrões foram desenhados por Monsenhor Airosa.



Fig .5. Colcha pavão. Fonte: IMA 2007



Fig .6. Colcha borboleta. Fonte: IMA 2007

Podemos afirmar que os produtos do IMA são produtos originais e únicos, feitos a partir de desenhos exclusivos. Consideramos que a genuinidade e a originalidade dos produtos do IMA vem dos seus desenhos (Fig. 7).



Fig. 7. Desenhos Jacquard em papel de debuxo. Fonte: IMA 2007

Para muitos, estes produtos poderão ser colocados em causa quanto ao facto de serem ou não artesanato. Quando muito, consideramos que os produtos do IMA poderão ser colocados no limite entre o artesanato e a produção industrial, mas sempre considerados peça de artesanato genuíno e erudito.

E quantos não são os produtos em que muitas serão as dúvidas quanto às suas características artesanais?

Os critérios que podemos utilizar para considerar se um produto é ou não artesanal poderão ser critérios técnicos, materiais, temporais, estéticos, entre outros. Nos produtos do IMA (Fig. 8), o critério mais notório para se identificar como um produto artesanal é o estético, mais concretamente a genuinidade dos seus desenhos.



Fig. 8. Desenhos em tecidos representativos do IMA. Fonte: IMA 2007

Também os teares hoje são únicos, obsoletos e não viáveis economicamente. Só num cenário deste tipo, eles se vão mantendo vivos; noutros locais, eles já desapareceram.

Foi mesmo o PPART (Programa para a Promoção dos Ofícios e das Micro Empresas Artesanais) quem transmitiu ao actual Director do Instituto que não existe mais ninguém a produzir nestes moldes e este tipo de produtos.

3. Considerações Finais

Não é do nosso conhecimento que tenha havido uma evolução dos produtos ao longo dos tempos. É natural que os produtos tecidos nos primeiros teares (muito antigos, actualmente já não se encontram em funcionamento pretende-se, no entanto, após recuperação colocá-los no futuro museu do IMA), fossem bastante diferentes dos actuais, principalmente pelo processo de tecelagem inerente. Apesar disto, os produtos resultantes destes teares seriam praticamente iguais aos actuais, pois os desenhos eram os mesmos, o tipo de matéria-prima também, bem como o processo de tecelagem com cartões perfurados.

Em entrevista, o actual director do Instituto sobre este tema referiu que a haver evolução dos produtos do IMA esta seria no sentido redutor. Isto porque o apogeu da actividade verificou-se em 1918 com cerca de 400 alunos e a partir daí há uma progressiva redução da actividade. Posteriormente, surge o encerramento da oficina externa e, neste momento, encontram-se numa tentativa de evitar o encerramento final devido aos graves problemas financeiros que atravessam.

É pois de máxima urgência a revitalização do artesanato produzido no IMA, desde o desenvolvimento de novos produtos, repensar os processos de produção de modo a torná-los mais rentáveis, equacionar o verdadeiro valor dos produtos e o preço final dos mesmos, criação do museu, criação de loja de venda do artesanato e todo o processo de comunicação e divulgação dos produtos.

Agradecimentos

Os autores agradecem a colaboração do Prof. J. Y. Durand no desenvolvimento deste trabalho.

Referências

- [1] J. A. Costa; A. S. Melo – Dicionário da Língua Portuguesa, 5ª ed. Porto: Porto Editora, (1977), pp. 145.
- [2] M. N. Castro, Artesanato – Medidas de Apoio Numa Perspectiva de Desenvolvimento da Actividade, Instituto de Emprego e Formação Profissional, (1999), pp. 19-21.
- [3] Célula de Animação da Rede Portuguesa Leader II, Artesanato e Desenvolvimento Rural, Célula de Animação da Rede Portuguesa Leader II, Lisboa (2003), Caderno temático nº14, pp. 12.
- [4] J. Y. Durand – Os “ Lenços de Namorados”, Frentes e versos de um produto artesanal no tempo da sua certificação, Vila Verde, (2006), pp. 255.